

jogo

out

MARCO
ANTÔNIO
ROCHA

ECONÔMICO

Que jogada é essa?

Tarde demais. Se os três anos de governo desse nosso patético presidente tivessem sido um exemplo de parcimônia, racionalidade, eficiência administrativa, respeito pelo dinheiro público, ele não precisaria vir à televisão dar aqueles gritos veementes e incovincentes: a opinião pública em massa faria o trabalho de dissuadir os constituintes das suas propostas perdulárias. Aliás, é possível que elas nem tivessem surgido.

Um governo que se lança descuidadamente em programas de gastos, quando todo o bom senso e a boa técnica recomendaria parcimônia, e que põe a perder a mais fantástica oportunidade de ajuste, exatamente por displicênci a no controle dos gastos públicos, não tem autoridade para criticar a

Constituinte e muito menos para tentar, omnibusamente, levantar a opinião pública contra o legislativo. Qual a insensatez irresponsável que está por trás dessa jogada?

Todo mundo sabe, os parlamentares sabem, os lobistas de Brasília sabem, os jornalistas de Brasília sabem, da omissão irritante e intrigante do Planalto quando estavam sendo propostas e discutidas na Constituinte todas essas maluquices que o presidente descreveu na TV. O governo foi advertido e o presidente foi pessoalmente advertido em cada uma das ocorrências malucas e das suas consequências. A anistia aos microempresários, por exemplo, foi mais de uma vez apontada ao senhor presidente por gente muito próxima a ele como loucura consumada. Essas pessoas sempre estranharam e saíram dos encontros intrigadas com o aparente alheamento de S. Exia., que dava sempre a impressão de só estar interessado numa única e simples coisa: o famoso mandato.

Desde o começo, o senhor Sarney tomou uma decisão perigosa: influir nos trabalhos da Constituinte, ao invés de apenas garantir a plena liberdade desses trabalhos e a apro-

vação dos seus resultados. Ele não recebera do povo nenhum mandato para isso. Aliás, não recebeu mandato sequer para convocar uma Constituinte. Se fosse o homem modesto e recatado que gosta de aparentar, compreenderia que sua ascenção naquelas circunstâncias políticas que todos se lembram nada mais impunha a não ser a convocação, a mais imediata possível, de eleições diretas e a transmissão pacífica e rápida a um presidente de fato e de direito, com respaldo político e popular.

Mas não. Imaginou-se o líder de uma revolução maldefinida ou no mínimo o condutor das aspirações das massas brasileiras naquele momento. Imaginou-se o materializador dos ideais que cercaram a ascenção de Tancredo Neves, sem ser Tancredo Neves e sem que ninguém neste país desejasse que ele se transformasse num Tancredo. Corroborando um dos famosos Peter principles ultrapassou o seu nível de competência e perdeu-se no terreno da inépcia. Tomou iniciativas que mesmo para Tancredo seriam hercúleas: reforma agrária, reforma administrativa, reforma monetária (Plano Cruzado), moratória externa, sem ter recebido de ninguém de-

legação ou mandato para isso. Seu governo é hoje a resultante dessas iniciativas, tão grandiloquentes quanto fracassadas. Nunca tão poucos colheram tantos fracassos em tão pouco tempo. Como aquele famoso personagem de Garcia Marques que entrou em muitas revoluções e perdeu todas, Sarney esmerou-se em suscitar tão numerosas esperanças quanto as frustrações que realmente nos lega.

Ademais, uma vez definido o famoso mandato, o que se esperava de fato é que nosso presidente arreganasse as mangas e se empenhasse 24 horas por dia em pôr ordem na sua administração. Inclusive foram-lhe concedidos cinco anos com base nessa esperança. Mas não, ele continua empolgado em governar a Constituinte, em dizer aos constituintes como devem redigir a Nova Constituição. Enquanto isso a inflação dispara, o preço da carne vai para as nuvens, a administração pública torna-se caótica, a capacidade de investimento do governo torna-se negativa em mais de 2% do PIB, mesmo acumulando um déficit superior a 5% do PIB.

A Constituinte, é verdade, fez um tra-

lho malfeito. Nem poderia ser de outra maneira. Depois de 20 anos de ditadura, nepotismo, licenciosidade, desrespeito, sabujismo, paternalismo e cartorialismo, que prática poderíamos ter para uma democracia moderna, para uma Constituição modernizante? É uma Constituição muito mais do ressentimento contra o passado do que do ressentimento quanto ao futuro. Muito mais para destruir do que para construir. Domage, como dizem os franceses. Trata-se de um trabalho malfeito que terá de ser corrigido mais cedo que tarde. E ela própria prevê sua correção. Piores são os malefícios desse governo que já estão aí. A Constituição, como está, pode ser que nos cause malefícios. Este governo já nos causou malefícios insanáveis.

O presidente faria melhor descendo da sua imensa presunção de fazer um país à sua imagem e semelhança, de fazer revoluções inacabadas, para ficar na história simplesmente tentando, no pouco tempo que lhe resta, corrigir os erros que já cometeu e que estão custando à Nação muito mais caro do que qualquer dispositivo da nova Constituição que, na prática, ainda não custou coisa alguma.